



# A Santa Sé

---

JOÃO PAULO II

## AUDIÊNCIA GERAL

*Quarta-feira, 5 de Julho de 2000*

*Caríssimos Irmãos e Irmãs:*1. Na Carta aos Romanos, o Apóstolo Paulo repropõe não sem assombro um oráculo do livro de Isaías (cf. 65, 1), no qual Deus chega a dizer pelos lábios do profeta: "Fui encontrado pelos que não Me procuravam; manifestei-Me àqueles que não perguntavam por Mim" (*Rm* 10, 20). Pois bem, depois de termos contemplado nas catequeses precedentes a glória da Trindade, que se manifesta no cosmo e na história, queremos agora empreender um itinerário interior ao longo das estradas misteriosas, pelas quais Deus vai ao encontro do homem, para o tornar partícipe da sua vida e da sua glória. De facto, Deus ama a criatura plasmada à sua imagem e, como o pastor solícito da parábola há pouco escutada (cf. *Lc* 15, 4-7), não se cansa de a procurar, mesmo quando ela se mostra indiferente ou até incomodada pela luz divina, semelhante à ovelha que se separou do redil e se perdeu em lugares impérvios e repletos de perigos.2. Seguido por Deus, o homem já percebe a sua presença, já é irradiado pela luz que está atrás de si, já se sente envolvido por aquela voz que o chama de longe. E assim, ele mesmo começa a procurar o Deus que o busca: procurado, põe-se a buscar; amado, começa a amar. Hoje, começamos a delinear este sugestivo entrelaçamento da iniciativa de Deus com a resposta do homem, descobrindo-o como componente fundamental da experiência religiosa. Na realidade, o eco dessa experiência é sentido também nalgumas vozes distantes do cristianismo, sinal do desejo da humanidade inteira de conhecer a Deus e de ser objecto da sua benevolência. Até mesmo um inimigo do Israel bíblico, o rei babilónico Nabucodonosor, que em 587-586 a.C. destruiu a cidade santa, Jerusalém, se dirigia à divindade com estes termos: "Sem Ti, Senhor, o que seria do rei que Tu amas e por nome chamaste? Como poderia ele ser bom diante dos teus olhos? Tu guias o seu nome, conduze-lo pelo caminho recto (...) Pela tua graça, ó Senhor, da qual tornas todos ricamente partícipes, faze com que a tua excelsa majestade seja misericordiosa e o temor da tua divindade venha habitar no meu coração. Dá-me aquilo que é bom para Ti, pois foste Tu que plasmaste a minha vida!" (cf. G. Pettinato, *Babilonia*, Milão 1994, pág. 182).3. Também os nossos irmãos muçulmanos testemunham uma semelhante fé, repetindo muitas vezes no arco da sua existência quotidiana a invocação com que tem início o livro do Alcorão e que celebra precisamente a via pela qual Deus, "o Senhor da Criação, o Clemente, o Misericordioso", guia aqueles em quem efunde a sua graça. Sobretudo a grande tradição bíblica impele o fiel a dirigir-se com frequência a Deus, para d'Ele obter a luz e a força necessárias para fazer o bem. Assim ora o Salmista no Salmo 119: "Instruí-me, Senhor, nos Vossos mandamentos e os guardarei com fidelidade. Ensina-me a observar a Vossa lei; guardá-la-ei com todo o coração. Dirigi-me pela senda dos Vossos preceitos, porque neles me

deleito... Desviai os meus olhos da vaidade, fazei-me viver nos Vossos caminhos" (vv. 33-35.37).<sup>4</sup> Na experiência religiosa universal, e de modo especial naquela transmitida pela Bíblia, encontramos portanto a consciência do primado de Deus, que se põe à procura do homem para o conduzir ao horizonte da sua luz e do seu mistério. No início há a Palavra que interrompe o silêncio do nada, o "agrado" de Deus (*Lc 2, 14*) que jamais abandona a criatura a si mesma. Certamente, este início absoluto não cancela a necessidade da acção humana, não elimina o empenho de uma resposta por parte do homem, que é solicitado a deixar-se alcançar por Deus e a abrir-Lhe a porta da sua vida. A este propósito, são estupendas as palavras que o Apocalipse põe nos lábios de Cristo: "Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a Minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele Comigo" (*Ap 3, 20*). Se Cristo não se encaminhasse pelas estradas do mundo, nós permaneceríamos solitários no nosso pequeno horizonte. É preciso, porém, abrir-Lhe a porta, para O ter à nossa mesa, em comunhão de vida e de amor.<sup>5</sup> O itinerário do encontro entre Deus e o homem realizar-se-á sob a égide do amor. Por um lado, o amor divino-trinitário antecede-nos, envolve-nos, abre-nos constantemente o caminho que conduz à casa paterna. Ali o Pai espera-nos para nos dar o seu abraço, como na parábola evangélica do "filho pródigo", ou melhor, do "Pai misericordioso" (cf. *Lc 15, 11-32*). Por outro, é-nos pedido o amor fraterno como resposta ao amor de Deus: "Caríssimos adverte-nos, de facto, João na sua primeira Carta se Deus nos amou assim, também nos devemos amar uns aos outros (...) Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele" (*1 Jo 4, 11.16*). Do abraço do amor divino e humano florescem a salvação, a vida e a alegria eterna.

---

**Saudação** Neste clima de oração, saúdo quantos me escutam de língua portuguesa. Em particular, quero cumprimentar os *portugueses* da Paróquia de Penalva do Castelo, e um grupo de peregrinos vindos do *Brasil*. Grato pela vossa presença, desejo-vos todo o bem na paz de Cristo. Faço votos por que esta passagem por Roma vos confirme na fé e nos propósitos de vida e testemunho cristão. É o que imploro para todos, por intercessão da Virgem Santíssima, com a minha Bênção Apostólica.

---